# ESPAÇO ROMPIDO: APROXIMAÇÕES DA ABSTRAÇÃO NOS QUADRINHOS

*Guilherme Lima Bruno E Silveira*

*IFPR-Londrina*

guilherme.silveira@ifpr.edu.br

A história em quadrinhos contemporânea se mostra cada vez mais aberta ao múltiplo e ao indefinido, tendo grande espaço para experimentações de todo tipo, o que reafirma a posição dos quadrinhos enquanto linguagem expressiva autoral e deixa para trás algumas definições redutoras que enxergavam nessa linguagem apenas uma forma de comunicação de massa de divertimento ingênuo. Essas experimentações acabam por nos levar aos limites dessa linguagem sincrética e mostram a possibilidade de desenvolvimento de caminhos inesperados de criação. Em um exemplo radical podemos perguntar: existe quadrinhos sem figuração e sem narrativa? O presente projeto de pesquisa em arte propõe a investigação do trabalho poético de criação de histórias em quadrinhos em seus processos de abstração e uma discussão sobre o conceito de não-narração e não-figuração dentro do que vem sendo nomeado de "história em quadrinhos abstratas". A partir do levantamento da bibliografia sobre os quadrinhos abstratos, bem como a leitura e análise do processo criativo de alguns autores que dialogam com esse gênero, é que se impulsionará a prática, sendo ela em si, a problematização de conceitos como abstração, narratividade, figuração e espacialidade, entre outros. A construção do processo criativo se propõe a partir do diálogo entre a produção pessoal e os conceitos citados, observando as linguagens da poesia, das artes visuais e dos quadrinhos na busca de entender, a partir do confronto entre elas, a maleabilidade que esse conceito pode encontrar nas histórias em quadrinhos, obtendo, por fim, um montante de produção que nos permita, entre outras possibilidades, a exposição das ideias aqui tratadas em um publicação impressa.

Palavras-chave: História em quadrinhos, Poética visual, Abstração.

Graduado em Educação Artística, pela UNESP-Bauru, mestre em Teoria Literária pela UNESP-Ibilce, com trabalho sobre a narrativa visual de Lourenço Mutarelli. Professor EBTT da área de Artes Visuais no IFPR-Londrina.

## Introdução

O presente trabalho propõe a investigação do trabalho poético de criação de histórias em quadrinhos em seus processos de abstração. Aqui a construção do processo criativo se propõe a partir do diálogo entre a minha produção pessoal e os conceitos de abstração em suas diferentes definições, observando linguagens da poesia, das artes visuais e dos quadrinhos na busca, a partir do confronto, de entender as possibilidades e maleabilidade que esse conceito pode encontrar nas histórias em quadrinhos.

Molotiu (2009) entende como quadrinho abstrato toda história em quadrinhos formada por (1) uma sequência de imagens não-figurativas e (2) toda sequência com elementos figurativos, mas cuja justaposição das imagens não crie narrativa coerente. Ao se voltar para os aspectos definidores dos quadrinhos abstratos, Groensteen (2011) acrescenta uma distinção, afirmando que o segundo tipo citado por Molotiu (2009) seria um quadrinho infranarrativo e que tal quadrinho só se concretiza se, ainda que o leitor faça um esforço de leitura, não houver a possibilidade de criação de um sentido narrativo. Dessa maneira, está levantada aqui uma oposição conceitual. Entendemos que a questão pode ser explorada mais atentamente, pois a afirmação de que um determinado texto atinge um "grau zero" de possibilidade narrativa não contar com a liberdade leitora, numa postura radical de difícil aplicabilidade. A leitura pode ter conclusões de sentido para além de questões lógicas e ainda assim criar um sentido – mais ou menos vago – de narratividade. Da mesma maneira uma cena não-figurativa pode ganhar "ares de referencialidade" ao ser colocada em um contexto sequencial narrativo. Em outras palavras, a solidariedade icônica – relação de significação entre as imagens dos quadrinhos, tida por Groensteen (2011) – cria um cenário de interação entre os diferentes códigos que impossibilitam definições restritas e duras.

Na abordagem aqui proposta, não busco me restringir à "caixa" das conceituações, mas partir delas para o desenvolvimento dos processos criativos. É por esse motivo que amplio as possibilidades por buscar os processos de abstração, alargando os limites criativos e de referência em outros artistas, cúmplices na criação de quadrinhos questionadores. Com a ideia de abstração, diferentemente do que se pode imaginar no primeiro relance, não há a intenção obrigatória da extinção da imagem representativa, mas sim as possibilidades de exploração poética da imagem no meio dos quadrinhos, tenha ela abandonado por completo a figuração ou não.

**A pesquisa em arte**

A própria formação da obra de arte é, em si mesma, construção de conhecimento, dado que essa construção, enquanto produção vinculada ao ambiente acadêmico, corresponde a uma sistematização rigorosas de reflexão e registros. Como aponta Zamboni (2012), a pesquisa em arte coloca à frente

um nível de subjetividade e de criatividade que existe em qualquer pesquisa séria, em qualquer área, à diferença de que, pelo grau subjetivo, os critérios quantitativos começam a se tornar escassos.

Utilizando a definição de Sandra Rey, no artigo “Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes”, temos:

> A pesquisa em artes visuais implica um trânsito ininterrupto entre prática e teoria. Os conceitos extraídos dos procedimentos práticos são investigados pelo viés da teoria e novamente testados em experimentações práticas, da mesma forma que passamos, sem cessar, do exterior para o interior, e viceversa, ao deslizarmos a superfície de uma fita de mœbius. (...) É nessa borda, entre procedimentos diversos transpassados por significações em formação e deslocamentos, que se instaura a pesquisa. A palavra teoria deve ser entendida, nesse caso, muito mais como um campo de conhecimento específico e interdisciplinar do que como um aparato teórico estanque, aplicável como norma ou verdade inquestionável. (REY, 2002, p.125-26)

O que Sandra Rey nos propõe é tirar da própria obra a sua “dimensão teórica”, fazendo com que a sistematização exista, mas seja, em boa parte, definida caso a caso, no processo de instauração da obra. Aqui, fugimos da simples aplicação de ferramentas de análise, método que não seria satisfatório para o contato com um objeto tão fluido como é a criação artística.

Coloca-se como objeto a própria obra em processo de formação, o que para a autora mostra a complexidade da pesquisa em arte, pois envolve o pensamento abstrato, a dimensão prática-processual e a articulação de conceitos, somados aos acasos da instauração da obra, que raramente segue exatamente o imaginado inicialmente. Assim, é na metodologia de pesquisa em arte, visando o estudo da instauração da obra, em seu processamento e diálogo constante entre prática e teoria, é que se baseia essa pesquisa, a partir da experimentação visual e espacial da página e dos elementos quadrinhísticos na instauração e tensionamento dos processos de abstração.

**O problema da abstração nos quadrinhos**

Entende-se, hoje, que enquanto linguagem autônoma, os quadrinhos podem suprir diversas “funções” ainda que não se limite a nenhuma delas. Em tentativa de pensar essa linguagem Hatfield (2005) aponta o fato de que é uma linguagem que tem a habilidade de frustrar qualquer sistema hermético de

análise, ou seja, qualquer definição fechada tende a ser ultrapassada. Os quadrinhos podem ser trabalhados de modo desafiador, carregados da pluralidade que é tão presente na produção cultural contemporânea. O salto para essa liberdade criativa pode ser apontado nos quadrinhos alternativos, mais intensamente a partir dos enfrentamentos dos anos de 1960 e de forma já estabelecida a partir dos anos de 1980 – isso de maneira mais ampla em todo o mercado dos quadrinhos, porque várias investidas experimentais podem ser encontradas na história da história em quadrinhos. Os quadrinhos alternativos alcançam amplo espaço para a experimentação e a liberdade expressiva, bem como a consolidação de um público leitor adulto e crítico, que via nos quadrinhos um espaço de arte.

A fuga dos gêneros tradicionais consagrados e a busca por novas temáticas fez ascender os quadrinhos autobiográficos (“Maus”, de Art Spiegelman; “Persépolis”, de Marjane Satrapi), quadrinhos-reportagens (“Crônicas de Jerusalém”, de Guy Delisle; “Palestina”, de Joe Sacco), HQs de cotidiano formados a partir de recortes rápidos em que, aparentemente, pouca coisa acontece – conhecidos também como *slice of life* (fragmento de vida) – (“New York”, de Will Eisner) e, entre outros, os quadrinhos abstratos (“Abstraction”, de Jochen Gerner; “Nouvelle Pornographie”, de Lewis Trondheim), acabaram abrindo campos até então nunca imaginados para a história em quadrinhos.

Se Molotiu e Groensteen trazem algumas definições iniciais que buscaram referências diversas – o primeiro nas artes visuais e o segundo na ideia de ”essência” da linguagem quadrinhística” – é Jan Baetens (2011) quem coloca a questão da abstração à frente da definição de um gênero – o gênero dos quadrinhos abstratos – , quando passa a olhar para a abstração e suas relações com a figuração e com a narrativa. A ideia de uma cena não-figurativa que ganha referencialidade pela sequencialidade, é discutida pode ele nos paralelos figuração e não-figuração; narração e não-narração. Exemplo disso pode ser visto em “La Nouvelle Pornographie”, quadrinho de imagens formais geométricas, em que aos poucos, pelo encadeamento das imagens em sequencia, passa a ser percebida a narrativa pornográfica e não mais um simples encadeamento de imagens não-figurativas (Figura 1).

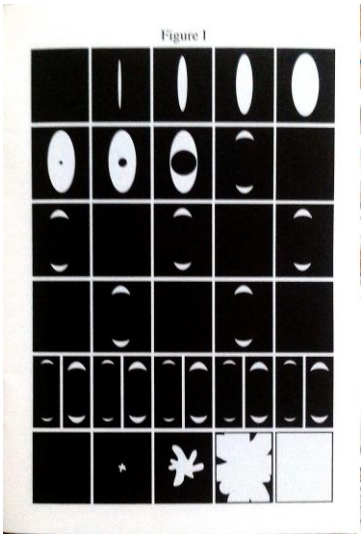



*Figura 1 – Aos poucos o leitor percebe a narrativa pornográfica em oposição às imagens abstratas do primeiro vislumbre. Fonte: TRONDHEIN, 2012.*

Percebe-se, assim, a fluidez dos conceitos de “encaixotamento” da obra de arte. Tal fluidez não é apenas característica dos quadrinhos, mas de toda linguagem contemporânea. Sandra Rey define a produção contemporânea enquanto processos híbridos e nos mostra que:

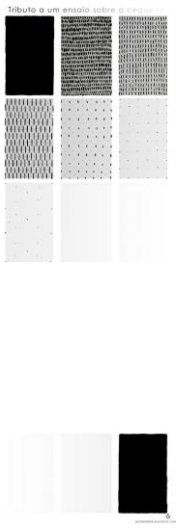
> A arte contemporânea levanta a questão da ausência de parâmetros rigidamente estabelecidos. Não existe um corpo teórico, nem regras universalizantes que possam estabelecer uma conduta traçada a priori pelo artista. (...) O artista contemporâneo, para fazer frente a habilidades e conhecimentos tão diversificados que se apresentam de forma imbricada no processo de criação, passa a constituir a arte como um campo fecundo para a pesquisa e a investigação (REY, 2002, p.125)

Nesse sentido, e reforçando, mais do que pontuar as certezas das definições, o que se propõe é um eixo problematizador que nos inquiete e permita um terreno vasto de possibilidades para que possamos averiguar o processo de formação da obra, buscando entender como a operação artística – como definida por Pareyson (1991) – expõe uma poética única, pessoal.

## Uma poética da abstração nos quadrinhos

Desde a graduação mantive uma ligação forte com a criação de histórias em quadrinhos, mas, também desde esse início, há um caminhar gradativo para longe da narrativa linear, e muitas vezes para longe da própria narrativa. No meu processo criativo essa despreocupação é aparente pela forma de fazer que

nunca teve o roteiro como elemento presente, dando muito espaço para a intuição e para as possibilidades expressivas do espaço da página.



*Fiura 2 – "Tributo a um ensaio sobre a cegueira ", 2011. Fonte: Acervo pessoal.*

Também foi esse mesmo interesse que me aproximou dos quadrinhos alternativos e posteriormente dos quadrinhos poético-filosóficos, que abriam margem para uma produção que poderia, inclusive, se aproximar do ensaio, de maneira - conceitual e formalmente - livre. Na época da tomada de conhecimento dessas diferentes formas de se fazer nas histórias em quadrinhos, já havia vislumbrado em algumas criações pessoais uma proximidade da abstração visual, como em "Tributo a um ensaio sobre a cegueira", hq de 2011 (Figura 2). Nessa HQ a visualidade joga com a ideia total do romance de Saramago, da cegueira branca, sem explicação racional, que na verdade indica uma escuridão simbólica de alienação e individualismo.

Faço essa retomada da produção na intenção de resgatar na minha formação pessoal, o interesse por esses processos de abstração, mesmo antes de problematizá-los ou efetivamente conhecê-los e localizá-los formalmente na história das histórias em quadrinhos. Fecho esse resgate rápido com o trabalho "Abismo" (Figura 3), que para além de demonstrar o interesse pela abstração, ainda carrega o uso das linhas sinuosas verticais, um dos recursos que passaria a ser recorrente no meu trabalho.

*Figura 3 – "Abismo", 2011. Fonte: Acervo pessoal.*

Os dois exemplos aqui apresentados foram publicados na coletânea "Misterorror #2", em 2011, todos já criados com a característica da exclusão de roteiro prévio, reforçam a forte presença do intuitivo na produção artística. Por si só o processo de criação é intuitivo e pessoal, sendo indissociável a obra, do criador, ainda que não apareça de forma racional. Fayga Ostrower organiza essa relação entre a criação, a sensibilidade, o consciente e o inconsciente:

> Uma grande parte da sensibilidade, a maior parte talvez, incluindo as sensações internas, permanece vinculada ao inconsciente (...). Uma outra parte, porém, também participando do sensório, chega ao nosso consciente. Ela chega de modo articulado, isto é, chega em formas organizadas. É a nossa percepção. Abrange o ser intelectual, pois a percepção é a elaboração mental das sensações (OSTROWER, 2009, p. 12).

O ato de perceber, de organizar as sensações é um dos grandes propulsores criativos, uma vez que nesse processo de organização, a percepção pode ser elaborada de diversas maneiras, mais ou menos formais, mais ou menos criativas, nas mais diversas linguagens. Assim, a criação, ainda que ordenação, parte do intuitivo, tem nele parte de sua matéria e ações, e se formam em um processo não linear de relações e estabelecimentos de nexos (SALLES, 2008). A nossa pergunta e proposição se elabora a parir desses questionamentos: como pode ser explorada a abstração dentro da narrativa quadrinhística? O que pode ser considerado abstração para a poesia e para as

artes visuais? Como os processos de criação de histórias em quadrinhos podem criar poéticas diferenciadas?

As curtas investidas na produção aqui apresentada, foram desenvolvidas sem uma preocupação de coerência e unidade, durante o processo de descoberta de novas formas quadrinhísticas, demonstrando uma vontade intuitiva de flertar com os processos de abstração. A investigação poética sobre os quadrinhos abstratos, portanto, encontra-se em um terreno fértil, mas ainda pouco explorado, e continuará a ser desenvolvida buscando uma dinâmica de sistematização e registro que possibilite a criação de conceitos operatórios (REY, 2002) que evidenciem a construção da poética pessoal, bem como a produção da publicação final.

**REFERÊNCIA**


AMARAL, A. *Hipocampo:* 3ª ocorrência. Teresina: Publicação independente, s/d.

BAL, M. *Narratology* – Introduction to the Theory of Narrative. 3rd ed. University of Toronto Press, 2009.

CORBETT. *Comics as poetry.* New Modern Press, 2013.

FRANCO, E. *HQTrônicas*: do suporte papel à rede internet. São Paulo: Annablume, 2004.

GEHRE, L.; GÓES, G. *Novo*. Brasília: (SAMBA), 2013.

GROENSTEEN, T. *Bande dessinée et narration:* Système de la bande dessinée, v.2. Paris: Presses Universitaires de France, 2011.

HATFIELD, C. *Alternative Comics:* An Emerging Literature. University Press of Mississippi, 2005.

KLINTOWITZ, J. *Abstração como linguagem:* o perfil de um acervo. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 2004.

BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Org.) O meio como ponto zero : metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre : E. Universidade/UFRGS, 2002.

REY, S. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Org.) O meio como ponto zero : metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre : E. Universidade/UFRGS, 2002. p.123-140.